

SEMINÁRIO

RELATO E ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA

*Conceição Cabrini - rede
pública de São Paulo*

INTRODUÇÃO

Este relate diz respeito a uma experiência, realizada no ano letivo de 1987, com as 6's séries¹ do período diurno na E.E.P.S.G. João Baptista de Brito, localizada no Município de Osasco em São Paulo.

Como estava ingressando no referido estabelecimento, naquele ano, necessitava conhecer minha nova unidade escolar e clientela para poder montar meu objeto de estudo. Interessava-me, sobretudo, saber como era a relação aluno-escola e vice-versa e qual a concepção de História que q alunos possuíam.

Nesse momento preliminar, antes de chegar ap objeto de estudo, procurei discutir a História vista como construção, através de varias visões. Elaborei algumas questões problematizadoras² que diziam respeito a fatos da vida escolar vivenciados pelos alunos, com o objetivo de fazê-los refletir sobre a sua historicidade.

Essas questões foram aprofundadas através do texto "O pássaro que queria pousar na estrela"³. Comparamos as duas formações culturais (a vivencia dos alunos com a do índio Tsiprê), destacando o papel da mulher, a questão da criança e sua educação.

Com o objetivo de deixar claro para os alunos que o fato histórico pode ser reconstituído por diversos modos, lembrei-os do movimento que a comunidade escolar vinha fazendo, ha algum tempo, para exigir a reforma do prédio. Tínhamos varias versões sobre a reformulação da escola: a do diretor, a da A.P.M. (Associação de Pais e Mestres), a dos professores, a dos alunos e, finalmente, a dos órgãos oficiais. Mas a documenta9ao oficial provavelmente estaria registrando o lado dos personagens; "principais": a do diretor (a instancia que solicitava a reforma), a da Secretaria da Educação (o órgão que concederia a reforma), excluindo da documentação os outros personagens e suas versões. Procurei: portanto, através deste acontecimento, discutir o "fazer história", as implicações com o seu registroe a questão da memória.

Para facilitar a compreensão dessas questões, recorri, mais uma vez, a elementos constitutivos da sociedade indígena, através da poesia "Pássaro Vermelho"⁴. Os autores, Milton Nascimento e Fernando Brant mostram a perda dos espaços físico-culturais das sociedades indígenas

que correm com a dominação europeia no Brasil. Discutimos a versão do fato dada pelos autores e perguntei como os europeus registraram este fato.

Essa questão fez-nos voltar ao problema do registro e, após analisá-lo, relacionamos a possível perda de identidade, com a expulsão dos indivíduos de seu espaço (físico-cultural). No entanto, a expulsão não acontecia (acontece) pacificamente, porque havia (há) resistência (a poesia e um exemplo) e constante luta pela reconquista daquele espaço.

Chegamos assim ao objeto de estudo "Ocupação da Terra: Invasão/Expulsão - a resistência".

Foi trabalhado, principalmente, o conflito destas relações e construção histórica realizada pelos diferentes agentes envolvidos no conflito. Assim, passamos a estudar: a) "a questão Indígena: ontem e hoje", b) "a questão do negro: ontem e hoje", c) "os despossuídos", Nesse item, voltamos a focar a cidade de Osasco⁵ e discutimos o movimento dos sem-terra.

A) A QUESTÃO INDÍGENA - ONTEM E HOJE

Trabalhamos, com documentos e textos historiográficos, visando analisar o projeto de sociedade indígena, o modo de vida e de trabalho, o cheque com o branco e a expulsão da terra.

Organizei uma coletânea de documentos que mostravam o pensamento do colonizador em relação ao indígena. Os alunos confrontaram os documentos, tiraram conclusões e realizaram uma redação em grupo.

Lemos e discutimos textos de ficção como *Kadiew*, que foca a questão indígena hoje, a história da perda e da recuperação da identidade do indígena. E, *Mistério do Grande Rio*, que trata da expulsão da terra na América espanhola..

O livro *A Confederação dos Tamoios* foi lido através de transparências em aula, trazendo a questão da resistência indígena até hoje, apontando como solução a Assembléia Indígena. Foi confrontada esta versão com a dos livros didáticos.

Os alunos pesquisaram sobre a sociedade indígena hoje e usaram como fonte o Boletim Comissão Pró-Índio.

B) A QUESTÃO NEGRA: ONTEM E HOJE⁷

Com o objetivo de analisar um outro caso de expulsão da terra, introduzimos a "Questão Negra". Iniciamos o trabalho com a leitura e discussão da "Lenda dos Nagôs". Aprofundamos o tema com a leitura do texto de Antonil: "Como há de haver o senhor de engenho com seus escravos" e analisamos as gravuras de Rugendas e Debret.

Encerramos a "Questão Negra" com a discussão em classe sobre o problema do negro hoje.

C) OS DESPOSSUÍDOS⁸

Subsidiados pelas reflexões anteriores, através de textos e documentos sobre a questão indígena e a do negro, os alunos tiveram elementos para captar e problematizar a questão dos "sem-terra". Neste momento, ampliaram-se as generalizações ocorridas anteriormente, percebidas no estudo da sociedade indígena e da questão negra: a percepção da invasão, da resistência e da expulsão, como uma relação de classe. O conceito de classe social foi visto, no embate da expulsão e reconquista.

Para enfatizar, a questão do conflito da terra, mostrando que ela é uma questão social e não étnica, lemos o texto "A Escravidão no Brasil Hoje", de José Souza Martins, e os livros *Deus me*

Livre e Açúcar Amargo, de Luiz Puntel. Com este mesmo objetivo, assistimos ao filme "A Marvada Carne",

para analisar o ripo de expulsão da terra sofrida pelo caipira, relacionando-a com a sociedade indígena.

Encerramos o tema com uma pesquisa sobre os sem-terras de Osasco. Os alunos entrevistaram representantes do PT, PMDB, Igreja e sem-terras de Osasco. Os dados foram tabulados e subsidiaram o debate final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como penso que a apropriação do conhecimento se dá num processo de construção, tinha como pontos centrais: os trabalhos elaborados pelos alunos, pela classe (construção coletiva) e o confronto de minhas preocupações com as dos alunos. O conhecimento é produzido no conjunto e não unilateralmente.

Colocávamos em sala de aula as reflexões dos alunos e minhas, dos textos e documentos estudados. Para isso, usava o material disponível: lousa, giz e caderno. O trabalho do aluno ia para a lousa e a classe anotava, em seus cadernos, as reflexões do companheiro. Nesse sentido, eles tiveram contato com a documentação e historiografia, onde era ressaltado o posicionamento diferenciado; percebiam, também, que as suas próprias elaborações eram diferenciadas. O dizer dos alunos não era repetição, mas assumido politicamente.

Por isso, a avaliação não era o "certo" e o "errado" e isso, no início, os alunos estranharam muito. Eu incentivava a argumentação de suas reflexões; toda semana recolhia seus trabalhos. A cada aula discutíamos nossas posições frente a um texto, buscando o projeto social do autor. Essas discussões iam do individual para o coletivo e do coletivo para o individual.

Percebi que, no decorrer do ano, os alunos iam se firmando em seu poder de argumentação, havia sempre um porque do seu falar. "Penso assim porque..."

Acredito que estes alunos poderão experienciar o seu dizer, seja qual for a metodologia dos professores ou da escola, com os quais entrarão em contato. Saberão conviver com o diferente e se posicionarem, assumindo as suas colocações.

Em termos de resultado do trabalho, penso que muita coisa deva ser reavaliada. Por exemplo: um maior tempo para um trabalho final mais elaborado, mais discutido, envolvendo outros professores, pais etc.

Penso, também, que trabalhar nesta concepção de conhecimento exige uma constante reformulação e reconstrução. A partir de um trabalho realizado e avaliado, novos problemas surgirão e a tentativa de resolução estará em nova construção.

NOTAS

1- Em 1987 lecionava para 10 classes: três 5^{as} séries, três 6^{as} séries, duas 8^{as} séries e dois 3^{os} colegiais. Fiz este diagnóstico com todas as classes e, posteriormente, em cada servir e, trabalhei com um tema diferente.

2- Questões problematizadoras: o que vocês fazem na escola? Para que estudar história? O que é história? Em que livro você estudou? O que você acha da escola? E os seus pais? Por que vir a escola?

A quem pertence a escola?

ALENCAR, Chico. *Brasil - Vivo*. Petrópolis: Vozes. pag. 11.

4-Idem, pag. 8.

5- No estudo dos textos introdutórios, ainda na fase diagnóstico, percebi que os alunos não conheciam alguns problemas de sua cidade, Osasco.

6- Trabalhei os seguintes textos e documentos: - *Coletânea de documentos históricos para 1º grau: 5ª a 8ª série* - SP: SE/CENP/1981. p. 13 a 17. - *O Índio na História do Brasil* - de Berta Ribeiro. Ed. Global, Excertos. - *História dos Povos Indígenas; 500 anos de luta no Brasil*, RJ: Vozes/CIMI. p. 106 a 109. - *Kadiwé* - Jose Hamilton Ribeiro, Editora Brasiliense. - *A Confederação dos Tamolós*. R.L: Vozes/CIMI. - Boletim Comissão Pró-Índio, nº 11, out.nov de 1982. - *Mistério do Grande Rio* - Antonieta Dias de Moraes - Nova Fronteira. - *Seleção de documentos de História da América para 2º grau* - Curso da ANPUH. Uberlândia - MG/1986, Profª. Helenice Ciampi.

7- Trabalhei os seguintes textos e documentos: - "Lenda dos Nagôs" in *Brasil Vivo*, pp. 44-5. - *Cultura e Opulência do Brasil* - Antonil - Cap. DC. - Rugendas - "A Viagem Pitoresca através do Brasil", Livros de Ouro. - Debret - "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil", Livros de Ouro.

8- O material trabalhado foi: - "A Escravidão no Brasil Hoje" - Jose de Souza Martins, F.S.P., 1986. - **Deus me Livre** - Luis Puntel, Ed. Ática. - Açúcar Amargo - Luis Puntel, Ed. Ática.